PALAVRAS DO PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA PROF. DOUTOR OLIVEIRA RAMOS NA SESSÃO DE ABERTURA DO COLÓQUIO

Senhor Reitor da Universidade do Porto
Ilustres Autoridades civis, militares e académicas
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Na abertura do Colóquio «O Porto na Época Moderna» cumpre, em primeiro lugar, acentuar que se trata duma reunião organizada e participada por professores, alunos e antigos alunos da Faculdade de Letras do Porto, desta escola e da prestigiosa Faculdade que a antecedeu no tempo da I República e que muito admiramos.

Pretendemos que o Colóquio seja um elo de ligação entre quantos aqui labutam ou labutaram em ordem a esclarecer o conhecimento científico do passado do burgo portuense e das suas potencialidades.

Eis por que, sendo obra desta casa é também um empreendimento que visa o conjunto dos cidadãos portuenses atentos aos problemas da sua terra e do mundo em que vivem engastados.

A pautar este esforço está a crença em que a Universidade constitui um polo de magistério, de pesquisa, de formação animada pelo espírito crítico e reflexivo e em que, por forma alguma, a instituição poderá divorciar-se da sociedade em que está inserida. Porque deve responder aos anseios sociais, à Universidade cumpre promover iniciativas que traduzam formas conseguidas de extensão cultural.

Na verdade, o ensino pressupõe que não olvidemos na docência das disciplinas históricas o lugar onde vivemos; a investigação postula o devassar das zonas de saber obscuras; a extensão cultural obriga a que, no intercâmbio, não visemos só sectores privilegiados, a fim de alcançar amplos extractos da população.

Oxalá o temário do colóquio, uma reunião de trabalho e não de acontecimentos sociais e gastos inúteis, possa servir o magistério em vários graus, testemunhe empenho em diversas áreas de indagação e uma mensagem ao alcance dos sectores cultos e de quantos prezam a história e a dinâmica séria, mas inovadora, própria do operoso labor do homem portuense no transcurso das idades.

Se o conseguirmos, retomamos uma tradição em que avulta o bispo D. Rodrigo da Cunha, o historiógrafo Rebelo da Costa e pessoas da envergadura de Sampaio Bruno, Magalhães Basto, Damião Peres e outros.

Não o fazemos por mero apego ao que foi. Move-nos, sim, a ambição de melhor conhecer o pretérito para bem pensar e definir o que somos e o que urge prospectivar. De facto, Portugal precisa de objectivar a sua identidade, de a enriquecer para construir de modo útil o futuro, que será um futuro a viver numa sociedade que desejamos igualitária, aberta, em rápida evolução e marcada por interligações orbitais.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Conscientes de que ser contemporâneo implica tomar consciência das heranças consentidas e das heranças contestadas, entendemos que ao investigador compete estudar o pretérito em função do presente e mesmo do porvir, ora pelo recuo na marcha do tempo, ora pelo retomar do seu fio de desenvolvimento através das gerações. Por isso concebemos um colóquio em que primam as secções de História Económica e Social, de História Política e Cultural e em que existe uma secção de História da Arte.

No seu âmbito, as sessões de trabalho funcionam como estímulo à reflexão interdisciplinar e como ponto de partida de pesquisas e sínteses originais, pois a historiografia portuguesa bem carecida está de uma nova história do Porto, que amplie e reperspective os bons estudos existentes à luz das mais recentes metodologias e dos mais recentes conceitos historiológicos.

Aliás, a dinâmica do colóquio conduz, num primeiro tempo, ao cotejo entre os ensinamentos resultantes do exposto ou sugerido nas sessões plenárias e o que fica dos subsídios emergentes das secções especializadas.

Depois, num 2.º tempo, surgirá, porventura, o projecto que levará a uma revisão da história da cidade, ponto de partida para nova síntese, a conceber a partir do que já hoje está solidamente averiguado.

A planificação duma outra história global do Porto implicará, assim, uma análise crítica, a procura de informes existentes em mananciais arquivísticos e impressos e o seu adequado tratamento em ordem ao labor hermenêutico.

Como amostra do que foi estudado e também do que ainda o não foi, ou pode ser melhor explorado, aí estão as vultuosas espécies guardadas na Biblioteca Pública Municipal, no Gabinete de História da Cidade e os próprios catálogos que, no melhor espírito de cooperação, estas instituições elaboraram expressamente para o nosso Colóquio.

Dos métodos e das ópticas mais actualizadas falam as conferências das sessões plenárias e, ainda, comunicações de reputados mestres, cujo fruto maduro surge ao lado do de pesquisadores das novas gerações.

No que toca a comunicações de historiadores consagrados foi decisiva a colaboração de professores das nossas universidades, de grandes universidades francesas, onde se forjaram as actuais correntes da grande historiografia europeia, como ainda da antiga e prestigiosa Universidade de Compostela, a que aditamos o contributo de homens de letras formados na primitiva Faculdade de Letras do Porto.

Além disso, no capítulo da qualidade de cooperação, saliente-se que o colóquio deve muito à pronta ajuda do Director do Instituto Francês do Porto, Mr. Francis Uteza e, particularmente, à anuência dos Professores Pierre Goubert e Frédéric Mauro ao convite para aqui exporem os resultados do seu original saber.

Do intercâmbio cultural e científico com Bordéus, cidade portuária, de comércio e de cultura, esperamos os mais frutuosos resultados, assentes numa investigação planificada em que o Porto só terá a lucrar com a análise dos projectos que a Universidade de Bordéus e a Maison des Sciences de l'Homme d'Aquitaine formularam. Oxalá o futuro consagre estes votos e estes projectos.

E se o espaço ibérico, em que se insere qualquer história local ou geral de Portugal, não está tão visível no horizonte da reunião, isto não quer dizer que no espírito da organização ele não avultasse desde os primeiros momentos.

Todavia, circunstâncias alheias aos nossos esforços impuseram esta situação, sendo certo que a Espanha, aquém e para além das legações e dos caminhos oficiais, está representada pelos nossos eminentes colegas de Compostela, Universidade que tantos pontos de contacto tem com a do Porto, por força, afinal, dos nexos do Noroeste português com a Galiza, nossa irmã.

De resto, os elos que agora entretecemos com a França, com a Galiza, com outras Universidades lusitanas levam-nos, e ainda bem, a saltar as fronteiras da história local para nos integrarmos na história do país e na dos mundos que os europeus moldaram.

Ainda que profundamente enraizada na região Norte e seu espelho — como esclarecerá a visita ao burgo antigo — a cidade do Porto é também uma urbe virada para o exterior, em cujo florescimento pesaram e pesam as relações internacionais e o seu papel na sociedade portuguesa.

É o que veremos na Mesa redonda sobre o Porto de ontem e a sua dinâmica quando posta à prova e modificada pelas exigências de hoje, que cumpre analisar pensando num porvir já vizinho.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

A ingente tarefa de pesquisa, de síntese e até de prospectiva, testemunhada em mais de meia centena de intervenções previstas no nosso colóquio, concretizou-se, é bom dizê-lo, por virtude do esclarecido patrocínio que colhemos, em primeiro lugar, do Professor Eng. Campos e Matos, prestigiado Reitor da Universidade do Porto e, depois, do ilustre Presidente da Fundação Eng. António de Almeida, Dr. Fernando Aguiar Branco, como ainda, por força da colaboração recebida do Senhor Presidente da Câmara Municipal do Porto, Eng. Aureliano Veloso.

A todos agradecemos, sinceramente penhorados, como agradecemos o vivo interesse do Senhor Vereador Miguel Costa e a pronta coadjuvação do Gabinete de História da Cidade e da Biblioteca Pública Municipal do Porto, através dos seus directores e dos seus funcionários, na organização da Exposição Bibliográfica e Documental.

Por pertencermos à casa, não nos alongaremos nos cumprimentos que são devidos à Faculdade de Letras e ao Centro de História. Congratulamo-nos com a ajuda prestada, notando que, do ponto de vista científico, a presença da escola e do Centro é maciça e altamente expressiva, a exemplo do extraordinário número de participantes — ronda os trezentos.

Agora, espero que todos entreguem, em tempo útil, as suas comunicações, de modo a que o Centro de História da Universidade do Porto possa, com o apoio do Instituto Nacional de Investigação Científica, levar por diante a iniciativa de as dar à estampa.

Não terminarei sem lembrar auxílios tão valiosos como foram os do Senhor Vale, na Biblioteca Municipal, da Sr.ª D. Idalina, no Centro de História, dos Senhores Carlos e Loureiro na Oficina Gráfica da Faculdade.

Prezamos os que bem labutam. Oxalá o Colóquio seja de trabalho e proveito.

São estes os nossos votos, que aditamos aos votos de boas vindas.